

O BRUXO DO COSME VELHO

Roteiro do Projeto Animação 2014

CENA 1 – FRENTE DA CASA DE MACHADO

A história se passa no Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX.

A casa do bruxo é um sobrado: estilo colonial, com 2 andares, um pequeno jardim, muro e portão de grades, numa rua tranquila. A placa indica *Rua Cosme Velho*.

Ouvimos o som de patas de cavalos e chicote. Passa uma carruagem.

CENA 2 – CASA DE MACHADO

A câmera descreve o ambiente, onde há uma estante de madeira com muitos livros de capa dura; um relógio de mesa; um jogo de xadrez sobre uma mesinha com 2 cadeiras; um armário com prateleiras cheias de vidrinhos de remédios. Perto do armário tem um caldeirão de bronze, suspenso por uma haste, com uma colherona dentro.

Um cachorro dorme aos pés do bruxo Machado, que está escrevendo com uma caneta tipo pena. Sobre a escrivaninha há papéis, cadernos, anotações e um exemplar do jornal *Semana Ilustrada*.

Machado é magro, mulato, de barba e bigode. Tem 60 anos. Usa óculos sem hastes, encaixado no nariz, com uma correntinha presa no bolso do paletó.

Ele coloca a pena sobre o tinteiro de vidro. Respira fundo, parece cansado.

Pega a caixa de remédios no armário. Há vidros com rótulos diversos: *Iodatum*, *Bicarbonato*, *Óleo de Peroá*, *Chamomilla*, *Arte*. Machado pega o vidro de *Arte* e abre: dele saem notas musicais. Uma música começa a tocar. Bolinhas de sabão saem do caldeirão e pocam no ar: delas saem palavras como *lembrança*, *dor*, *mãe*, *amor*, *doce*, *passado*...

CENA 3 – MORRO DO LIVRAMENTO

A cena se passa em 1849. O morro não é uma favela: tem áreas verdes, chácaras, casas humildes. Machado agora é Machadinho, menino de 10 anos.

Suas roupas são simples: veste bermuda e blusa de gola. Machadinho desce o morro carregando um tabuleiro de doces. No caminho ele cruza com escravos, mulheres com bacia de roupa na cabeça, carroças. Na paisagem, ao fundo, vemos o Pão-de-Açúcar e o sol nascendo.

MACHADINHO: - Olha a paçoca!

CENA 4 – ESCOLA

Colégio de meninos ricos. O professor é um homem sério, de barba, e usa terno. Ela passa lições de Português, de dividir as sílabas:

Carruagem --- car-ru-a-gem Baronesa --- ba-ro-ne-sa

Dois alunos conversam, fazem bagunça. O professor faz cara feia, chega perto deles e dá uma reguada na mão de cada um.

Machadinho observa a aula pela janela, do lado de fora. Anota as lições numa caderneta, com um lápis velho. O tabuleiro de doces está quase vazio.

CENA 5 – IGREJA

Detalhe do sino da igreja batendo. O padre reza a missa em latim. Ao lado, Machadinho, de coroinha, segura o turíbulo. Olha para o padre com ar de interrogação, tentando entender o que ele fala.

PADRE: - Ad infinitum data venia dura lex sed lex habeas corpus vox populi anima mundi...

Machadinho pega seu caderninho e faz anotações.

CENA 6 – GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA

Fachada do Gabinete Português de Leitura, que é uma grande biblioteca. Uma carruagem passa na frente. Um casal elegante anda na calçada. A mulher usa vestido longo, chapéu e sombrinha. O homem veste casaca e também usa chapéu. Atrás deles vai um escravo, carregando pacotes.

O interior da biblioteca parece um palacete. As paredes são gigantescas e cheias de livros. Machadinho agora tem 13 anos e parece pequenininho naquela imensidão de livros. Sobe uma escada comprida, passa por prateleiras de “Astronomia”, “Literatura Inglesa”, “Filosofia”, “Camões”, sobe, sobe, até chegar na prateleira “Mitologia Grega”. Machadinho pega um livro e desce a escada, fazendo o longo trajeto de volta. Senta-se à mesa onde há uma pilha de livros. Começa a ler.

VOZ DE MACHADINHO: - Os gregos adoravam vários deuses, que habitavam o monte Olimpo. Zeus era o deus principal, rei dos deuses e dos homens. O senhor do céu.

INSERT

No monte Olimpo, Zeus e 14 deuses estão reunidos em volta de uma grande mesa. Entre eles, Atena, Apolo, Afrodite, Dionísio, Poseidon. Zeus está sentado na cabeceira. O local é cercado por colunas gregas e jardins. Zeus, com raiva, bate forte no braço da sua cadeira e provoca uma tempestade. O céu fica escuro. Com a sua mão direita ele manda a chuva e depois solta raios.

Machadinho lê o livro. Um funcionário da biblioteca bate em seu ombro.

FUNCIONÁRIO: - Ei, Machadinho, a biblioteca vai fechar.

CENA 7 – PADARIA DOS FRANCESES

Fachada da “Padaria dos Franceses”, ao anoitecer. A rua é iluminada por lâmpões. Machadinho entra na padaria. Ouvimos uma música francesa. Lá dentro tem cestos com pães de sal, roscas e *croissants* com bandeirinhas francesas espetadas. O padeiro é um francês gordo, de bigode e avental. Ele

ensina Machadinho a confeitar um bolo. Machadinho, também de avental, aproveita para aprender Francês.

MACHADINHO: - Liberdade...

PADEIRO: - Liberté!

MACHADINHO: - Liberté.

O padeiro aponta um croissant.

PADEIRO: - Croissant.

MACHADINHO: - Croissant.

Machadinho aponta um gato que está à janela. O gato mia.

PADEIRO: - Chat.

MACHADINHO: - Chat.

PADEIRO: - Fraternidade...Fraternité!

O padeiro vai tirar outros bolos do forno. Machadinho aproveita para fazer anotações na caderneta.

MACHADINHO: - Liberté... croissant... fraternité.

Aponta para o bolo confeitado.

MACHADINHO: - Gâteau!

CENA 8 – CASA DE MACHADINHO

Noite de lua, rua com lampiões. Machadinho, com 16 anos e um ralo bigode, cruza com uma mocinha, que segue ao lado da mãe, do pai e do irmão mais novo. A mocinha e Machadinho trocam olhares, tímidos, mas interessados.

Machadinho entra em casa, um sobrado modesto. Sua madrasta, também mulata, está à janela.

VOZ DE MACHADINHO: - “Seus olhos que brilham tanto, / Que prendem tão doce encanto, / Que prendem um casto amor / Onde com rara beleza, / Se esmerou a natureza / Com meiguice e com primor.”

No seu quarto, à luz da lamparina, Machadinho escreve a lápis o poema “Ela”. A madrasta põe ao lado dele uma caneca de leite com bolachas.

VOZ DE MACHADINHO: - “Suas faces purpurinas / De rubras cores divinas / De mago brilho e condão; / Meigas faces que harmonia / Inspira em doce poesia / Ao meu terno coração!

CENA 9 – LIVRARIA PAULA BRITO

Na frente da praça vemos o Teatro São Pedro, uma mercearia, uma loja de chapéus, a Livraria Paula Brito. Um menino vendedor de jornal anda pela rua movimentada, oferecendo os jornais. Por ali passam homens elegantes, escravos, guardas do Império, carruagens, bondes puxados a burro.

JORNALEIRO: - Marmota Fluminense! Quem vai querer?...

Para na frente da “Livraria Paula Brito”, onde tem uma pilha de exemplares da Marmota. Machadinho conversa com mais 3 amigos. Um deles é Paula Brito, que também é mulato, não tem barba nem bigode.

JORNALEIRO: - ... Um jornal de modas e variedades!

PAULA BRITO: - ...E um poema do nosso amigo Machadinho!

Os amigos lêem um exemplar. Machadinho fica feliz. Um exemplar da Marmota voa, voa, e cai no caldeirão.

VOZ DE MACHADINHO: - “Com sua boca mimosa / Solta voz harmoniosa / Que inspira ardente paixão, / Dos lábios de Querubim / Eu quisera ouvir um -sim-...”

CENA 10 – CASA DE MACHADO

O exemplar da Marmota Fluminense cai no caldeirão. De lá sai a expressão “professor de melancolia” e fica flutuando na sala. O cachorro, que cochila no chão, abre o olho. Vê a frase voando.

VOZ DE CRIANÇA: - “Conhecia as regras do escrever, sem suspeitar as do amar...”

O cachorro volta a dormir. “Professor de melancolia” pousa na escrivaninha, ao lado de uma linha, uma agulha e um alfinete, que estão espetados numa almofadinha. Machado abre a gaveta da escrivaninha e pega um envelope antigo. Está escrito: “Para Machadinho, de Carolina”. Um cupido sai do caldeirão com uma carta e voa, até chegar a uma praça. Ele solta o envelope.

CENA 11 - PRAÇA

O envelope cai no colo de Carolina. Está escrito: “Para Carolina, de Machadinho”. Carolina é uma portuguesa de 30 anos, branca, de olhos claros. Ela lê a carta. Perto de uma árvore, Machadinho observa a amada. Ele tem 30 anos e não usa barba. Eles se encontram e saem andando, de braços dados.

VOZ DE CRIANÇA: - A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada.

CENA 11 A – CAPELA

Numa igreja, o noivo Machadinho beija a noiva Carolina. De suas bocas sai a palavra “saudade”, que cai no caldeirão.

CENA 12 – CASA DE MACHADO

A palavra saudade cai no caldeirão, de onde sai um canário. Ele pousa na escrivaninha, em cima do livro “Contos Fluminenses, de Machado de Assis”. Machado está jogando xadrez, sozinho.

VOZ DE CRIANÇA: - Que pensas deste mundo? Que coisa é o mundo?

Machado tira a palavra “tristeza” do bolso e joga no caldeirão. Depois ele se levanta e pega numa gaveta um escravo carregando um montão de cana-de-açúcar, um capataz com chicote e uma liteira carregada por escravos. Joga tudo no caldeirão e mexe com a colherona.

De outra gaveta ele pega Dom Pedro II, uma baronesa, um violino, um homem de casaca e cartola, alguns contos de réis e joga no caldeirão.

Tira um punhado de letras de outro bolso e joga: as letras formam a palavra “amizade” e caem no caldeirão.

Da estante ele pega os deuses gregos, Camões e joga no caldeirão. Ao lado do relógio tem uma garrafa de “Vinho do Porto” e uma taça servida. Machado despeja o vinho da garrafa no caldeirão. Mistura tudo.

Pega no armário um vidro de “Humor em pó” e tempera. Experimenta. Coloca um pouco de “Óleo de pessimismo”. Por último, pega o vidro de “Arte” e joga muitas letrinhas no caldeirão. Algumas formam a frase “O sonho é uma festa do espírito”.

Machado olha para o relógio e vai para a escrivaninha. Pega a pena e começa a escrever (algo que não identificamos).

Do caldeirão começam a sair bolas que pocam no ar e viram livros, palavras e figuras. Tudo fica flutuando.

Da primeira bola sai a frase “Crônicas de Machado de Assis”, depois vários jornais e a expressão “Dr. Semana”.

De outra bola sai o livro “O Teatro de Machado de Assis”. O livro se abre e saem as frases “Os Deuses de Casaca”, “Quase Ministro”, “Lição de Botânica”.

Um querubim flutua carregando o livro “Poesias Completas - Machado de Assis”.

Do caldeirão sai uma cartomante jogando cartas. Ela joga pra cima uma carta, que vira o livro “Contos de Machado de Assis”. Joga outra carta, que vira as palavras “A Cartomante”, outra vira “Missa do Galo”, outra “Noite de Almirante”. Joga muitas cartas, não conseguimos ler todas.

Machado escreve, sem se importar com as coisas que saem do caldeirão. A pilha de folhas escritas está enorme.

Do caldeirão saem os livros “Helena”, “Iaiá Garcia” e “Memórias Póstumas de Brás Cubas”.

Sem seguida, um livro fino chamado “O Alienista”.

Do caldeirão saem duas mãos negras, acorrentadas. As mãos fazem força e partem a corrente. Som de sinos.

INSERT

Na rua, o povo comemora a Abolição. Outro menino vendedor de jornal, com exemplares de “O Paiz”, anuncia:

JORNALEIRO: - Acabou a escravidão! Princesa Isabel assinou a Lei Áurea!

Do caldeirão saem homens negros livres, dando cambalhotas no ar, comemorando. Machado continua escrevendo.

VOZ DE MACHADO: - A Abolição é a aurora da liberdade; esperemos o sol; emancipado o preto, resta emancipar o branco.

Do caldeirão sai Dom Pedro II com a tabuleta “Confeitaria do Império”. No meio do caminho ele volta pro caldeirão e sobe o Marechal Deodoro com a tabuleta “Confeitaria da República”.

Outra bola poca: sai o livro “Quincas Borba”, um cachorro cinza malhado de preto e um homem de barba grande.

Machado escreve. Entram flutuando as palavras “olhos de ressaca”, “Capitu”, “Bentinho” e pousam no papel que Machado está usando.

VOZ DE MACHADO: - “Não era feio que os meninos de quinze anos andassem nos cantos com as meninas de quatorze, ao contrário, os adolescentes daquela idade não tinham outro ofício, nem os cantos outra utilidade.”

INSERT

Numa praça, os adolescentes Capitu e Bentinho brincam como 2 amigos que se apaixonaram. Correm, riem, escondem-se atrás de árvores. A imagem congela e vira a ilustração da capa do livro “Dom Casmurro, de Machado de Assis”.

Outra bola peca e vira o livro “Memorial de Aires, de Machado de Assis”.

Do caldeirão sai a frase “a vida é boa” e carinhas de homens e mulheres, que representam os amigos. Por fim, sai o prédio antigo da “Academia Brasileira de Letras” com Machado sentado na cadeira de presidente.

Machado faz um ponto final e põe a caneta sobre o tinteiro. Levanta-se e, num gesto, coloca o que ainda flutua de volta no caldeirão.

Uma frase rebelde escapole e flutua: “Ao vencedor, as batatas!”.

Machado olha para dentro do caldeirão.

No ponto de vista de Machado, crianças do Projeto Animação olham para ele, com as mãos levantadas.

As mãos aparecem na borda do caldeirão, segurando um troféu em forma de batata. Machado pega o troféu e ergue, como um campeão.

A imagem congela. “Machado de Assis, 1839 – imortal”.